

OS CONTOS INFANTO-JUVENIS AFRO-BRASILEIROS: Contribuições para a desconstrução do racismo na educação

Ana Camila de Melo¹
Ana Maria Pereira Aires²

RESUMO

Este artigo investiga as contribuições dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros para a desconstrução do racismo na educação. Em vista disso, construiu-se o seguinte problema: Como os contos infanto-juvenis afro-brasileiros podem contribuir para a desconstrução do racismo e preconceitos na Educação. O artigo delineou-se através da abordagem qualitativa (MINAYO, 2003), com a utilização da análise de conteúdos, a partir da perspectiva de Moraes (1994). Em um primeiro momento discutimos teoricamente sobre a interculturalidade crítica e decolonial na perspectiva do combate ao preconceito e ao racismo, além dos estudos de Rosane Pezzodipane (2013), que apresenta uma leitura crítica acerca do pós-colonialismo e Munanga (2003), através das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Nas breves análises dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros, observamos contribuições para desconstrução do racismo na educação, a partir das categorias: representatividade, afirmação da cultura negra, respeito aos antepassados e luta antirracista. Concluímos que o trabalho com a literatura afro-brasileira é fundamental na educação das crianças e abre possibilidade diversas para o trabalho de combate ao racismo.

Palavras-Chave: Contos Afro-Brasileiros, Combate ao Racismo, Educação Antirracista

INTRODUÇÃO

Este artigo trata das contribuições dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros para a desconstrução do racismo na educação das crianças. O interesse nesse tema surgiu durante o Estágio Supervisionado Obrigatório realizado no decorrer da formação no curso de Pedagogia durante as atividades de contação de histórias. Nessas contações, observamos a predominância da cultura historicamente hegemônica na educação brasileira, ou seja, a literatura branca europeizada. Essa constatação de história feita durante o estágio, nos levou a questionar sobre a possibilidade da escola trabalhar com vistas a promoção da diversidade, do respeito às diferenças étnicas e culturais e, sobretudo, da desconstrução do racismo.

Também essa motivação veio da participação, como membro voluntário, no Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação na Infância, Cultura, Currículo e Linguagem da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (EDUCLIN/UFERSA). Essa participação no EDUCLIN se deu através do projeto de pesquisa “Saberes e práticas educativas dos povos

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Centro Multidisciplinar de Angicos. E-mail:

² Professora orientadora, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Centro Multidisciplinar de Angicos. E-mail: ana.aires@ufersa.edu.br

negros e quilombolas nos materiais literários das escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental na cidade de Angicos-RN”, que tem como objetivo compreender as condições ontológica-social-existencial-histórica dos povos de tradição negra, através da análise de obras literárias infanto-juvenis, que são utilizadas nas escolas públicas de Angicos e identificar os sentidos atribuídos pelos professores e professoras ao trabalho didático-pedagógico com as obras literárias mais utilizadas pelas escolas.

Considerando essas nossas motivações, nosso maior propósito com esse trabalho é possibilitar a ampliação das discussões sobre as questões raciais no âmbito do curso de Pedagogia do CMA/UFERSA e promover o debate sobre educação e racismo para além da universidade. De forma específica, nosso objetivo é analisar obras de literatura infanto-juvenis afro-brasileiras, trabalhadas nas escolas públicas do município de Angicos e que constituem o acervo de obras afro-brasileira selecionadas pelo projeto de pesquisa, acima citado. Escolhemos, desse acervo, três obras endereçadas ao público infanto-juvenil que consideramos importantes na análise das contribuições para a desconstrução do racismo na educação.

A importância desta pesquisa está na promoção da reflexão em relação aos contos infantis e o racismo, de forma que tal conhecimento possa fornecer saberes da cultura afro aos estudantes das licenciaturas, principalmente da Pedagogia, e aos docentes da rede de ensino que desejem saber sobre o conhecimento da própria realidade das escolas. Também contribuir para ampliar a compreensão sobre o necessário respeito às populações negras e, ainda, para que o leitor conheça sobre a literatura afro-brasileira como ato criativo, ato de afirmação e reconhecimento das populações negras e de suas culturas e poder fornecer saberes para o combate ao racismo no campo da educação. Coelho (2000, p. 27) diz que “a literatura é um ato criativo, através da palavra, cria um universo realista, livre ou fantástico, no qual as coisas, os fatos, os seres, o tempo e o espaço, ali se transformam em linguagem, assumem dimensão diferente, pois pertencem ao universo de ficção”.

Assim entendendo, os contos infanto-juvenis afro-brasileiros se tornam um componente aliado, no sentido da afirmação e valorização da identidade negra afro-brasileira das crianças, quando estimulam o diálogo e os processos de ressignificação de ações que segregam e discriminam. Esses estímulos também contribuem para o combate ao racismo e o preconceito na escola e na sociedade. Nessa perspectiva, a superação do racismo começa por meio do diálogo, do reconhecimento da identidade e da cultura afro-brasileira, das contribuições étnicas para o desenvolvimento do país, pois conforme Munanga,

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessam também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolveram, contribuíram, cada um de seu modo, na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (2001, p.9).

Então, mediante o que se objetiva neste artigo e da demonstração de sua importância para o combate ao racismo e aos preconceitos com as populações negras, a partir da análise dos contos infanto-juvenis, partimos da seguinte questão: Os contos infanto-juvenis afro-brasileiros trabalhados em escolas de Angicos e que constituíram o acervo da pesquisa do grupo, contribuem com a desconstrução do racismo e preconceitos e com a construção de ações afirmativas na educação escolar das crianças?

Ao problematizar esse tema, nos apoiamos no pressuposto de que a literatura, a partir dos contos infantis, pode contribuir significativamente para o combate a todas as formas de discriminação que geram atitudes racistas nas escolas e na sociedade. Isso porque a escola é espaço de educação e sofre os reflexos de tudo o que acontece na sociedade, nesse sentido, precisa incluir a diversidade populacional, de modo que todos tenham acesso a literatura afro-brasileira e, conhecendo-a, esta se torne significativa no combate aos preconceitos e racismos.

Para esse trabalho nos utilizamos da pesquisa qualitativa, pois ela trabalha com a realidade que não pode ser quantificada, uma vez que essa realidade, no caso as obras de literatura afro-brasileira, possui um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Tudo isso, corresponde a relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos apenas a uma operação de variáveis, pois, conforme Minayo (2003, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...], o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Assim, para darmos conta do objetivo pensado para o trabalho, selecionamos três contos literários afro-brasileiros do acervo trabalhado no projeto de pesquisa “Saberes e práticas educativas dos povos negros e quilombolas nos materiais literários das escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental na cidade de Angicos-RN”. Essa seleção dos três contos se deu por considerarmos essas obras representativas da negritude no campo da educação das crianças, também, porque são trabalhadas nas escolas de Angicos e por terem uma narrativa que podem ser qualificadoras do combate aos preconceitos e ao racismo, é isso que queremos analisar. As

obras selecionadas estão relacionadas no quadro a seguir e resumidas no item três deste trabalho:

QUADRO 01: OBRAS SELECIONADAS

Obras/literárias	Escritor	Personagem Principal	Personagens/elementos secundários	Categorias do enredo
Por que somos de cores diferentes?	Carmem Gil	Marta	Os companheiros	Diversidade e diferenças
O cabelo de Lelê	Valéria Belém	Lelê	O cabelo	Autoestima, identidade, comportamento
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Menina	Coelho	Representatividade

Fonte: Acervo do projeto de pesquisa/EDUCLIN

Em relação à análise dos dados produzidos sistematicamente a partir das leituras e tematização das obras citadas, utilizamos a análise de conteúdo, a partir da perspectiva que trabalha Moraes (1994, p. 103). Para ele a análise de conteúdo,

constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como as inferências sobre suas condições de produção e recepção.

Dessa forma, a análise de conteúdo se constitui como um procedimento utilizado para interpretar/analisar os dados de uma determinada pesquisa. O que leva a fatores de descrição sistemática, qualitativa ou quantitativa, que ajudam a redirecionar a informação, levando a compreensão do seu significado em um nível outro, para além da leitura comum. A análise de conteúdo não é apenas um simples processo de análise de dados, pelo contrário, representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

O texto se compõe de duas partes. A primeira é teórica, tratamos da interculturalidade, da decolonialidade e da pós-colonialidade, conceitos que nos ajuda a entender os contos afro-brasileiros na perspectiva do combate ao racismo. Na segunda é interpretativa, apresentamos as contribuições dos contos afro-brasileiros para a desconstrução do racismo. Por fim, fazemos algumas considerações, no sentido de responder sinteticamente ao problema de pesquisa.

1. A INTERCULTURALIDADE E A PÓS-COLONIALIDADE NA PERSPECTIVA DO COMBATE AO RACISMO

Com vistas a fundamentarmos as nossas leituras e análises trabalhamos especialmente com conceitos de três autores, todos com contribuições significativas para o combate ao preconceito e ao racismo, sobretudo, no campo da educação, em diferentes níveis: Catherine Walsh (2009), Rosane Pezzodipane (2013) e Kabengele Munanga (2003).

No pensamento de Walsh (2009), a partir do artigo “interculturalidade crítica e pedagogia decolonial”, nos concentramos nos conceitos de interculturalidade para entender a pedagogia decolonial e antirracista. Os estudos de Rosane Pezzodipane (2013), propõe uma leitura crítica acerca do pós-colonialismo, sem a pretensão de aprofundar a totalidade dos seus significados. Os conceitos por ela trabalhados são: pós-colonial, transculturação e colonialidade. O artigo de Kabengele Munanga (2003) trata sobre “uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. O conceito de raça está relacionado ao campo político e o racismo está situado em termos sociocultural, histórico e psicológico.

Segundo Walsh, a interculturalidade é um movimento que se posiciona contrariamente a racionalidade neoliberal e as políticas públicas multiculturais, continuidade dos processos colonizadores, quando atende as demandas dos povos originários sem questionar os seus problemas. Contrariamente, a interculturalidade se afirma a partir da diversidade sócio-cultural, em cenário mundial e ganha força na América Latina, objetivando a luta dos povos colonizados, que buscam igualdade de direitos, reconhecimentos de seus saberes e das contribuições patrimoniais ao país, além da luta por uma educação social e culturalmente inclusiva.

Essa perspectiva que tem sido pensada a partir da construção de uma Pedagogia decolonial³ e antirracista, objetivando fomentar políticas públicas e reformas educativas. O sentido de raça, discutido por Walsh, se dá a partir do pensamento intercultural. Ela mostra que esse conceito deve ser trabalhado considerando a histórica dominação colonial que o utilizou como “instrumento de classificação e controle social” (WALSH, 2009, p. 2) e não como uma característica humana, pertencentes a todos os seres. O racismo se originou exatamente desse entendimento classificatório das raças, a partir do controle como dispositivo de poder.

Walsh, afirma, que esse modelo de colonialidade através da raça se perpetuou até os tempos atuais, ao hierarquizar os sujeitos a partir da cor da pele e de suas características

³ Por colonialidade se entende as estratégias de continuidade da dominação colonial que ocorre de um país sobre outros e de um grupo humano sobre outro. Já a decolonialidade é a ruptura da colonialidade, processo de luta contra as estruturas, instituições e relações sociais coloniais. A decolonialidade ocorre pela crítica e enfrentamento das injustiças históricas e pela construção de um projeto que afiance a transformação da desigualdade.

fenotípicas. Na classificação, os brancos ficam em primeiro lugar, seguido pelos mestiços, índios e negros, esses últimos, na escala hierárquica, são tidos como bestiais. Isso se intensifica com o aparecimento de ordens opostas, os binarismos, que evidenciam a hegemonia dos brancos, de um lado, e a subalternidade dos negros, do outro, conforme apresenta Quijano (Apud WALSH, 2009, p.15):

[...] as categorias binárias, oriente-ocidente, primitivo-civilizado, racional-irracional, mágico/mítico-científico e tradicional-moderno justificam a superioridade e a inferioridade - razão e não razão, humanização e desumanização (colonização do ser) - pressupõe o eurocentrismo como perspectiva hegemônica (colonização do saber).

O pensamento intercultural crítico apresenta uma discussão que envolve o campo da política e da epistemologia, reivindicada pelos movimentos sociais originais. A interculturalidade crítica desenvolve práticas no combate às formas de dominação e poder. Desse modo, Walsh (2009) acentua a importância de uma pedagogia voltada para a interculturalidade crítica, decolonial e antirracista, tendo como alicerce, a criação de um projeto político-pedagógico que difere do modelo uno-conservador. Walsh, entende essa

pedagogia para além do sistema educativo, do ensino e transmissão do saber, [ela entende] como processo e prática sociopolíticos produtivos, transformadores assentados nas realidades, subjetividades, histórias e lutas das pessoas, vividas num mundo regido pela estrutura colonial (WALSH, 2009, p.8).

Walsh (2009) reforça, a partir dos fundamentos de Fanon e Freire, entre outros, a construção de um sistema educativo que se institua a partir dessa condição teórica, existencial e racializada das populações historicamente colonizadas. Um sistema de educação na perspectiva intercultural crítica, que envolva a conjuntura sociocultural, afirmando a inclusão e convivência democrática dos diferentes sujeitos sociais e a transformação das estruturas opressoras da interculturalidade funcional⁴, um dispositivo de poder que fortalece as estruturas conservadoras.

Na perspectiva da interculturalidade crítica, os contos literários, como materiais pedagógicos de aprendizagem, passam a ser compreendidos como elementos de contestação e negação da colonialidade histórica a que foi submetida a população negra e indígena. Assim, os materiais podem representar um outro projeto sócio-educacional, ético, político e epistêmico,

⁴ Para melhor compreensão da interculturalidade funcional, contrária a interculturalidade crítica, ver o texto completo de Walsh (2009).

um projeto de natureza decolonial, um projeto que respeite as populações diversas e suas respectivas culturas e saberes.

Assim, considerando os sentidos propostos pela interculturalidade crítica e pela Pedagogia Decolonial, os contos infanto-juvenis negros, como materiais pedagógicos, se instituem como dispositivos que possibilitam se contrapor aos valores e práticas amplificadores dos contos infantis tradicionais, sem excluí-los. Ao mesmo tempo, tais dispositivos pedagógicos se insurgem como aparato de estimulação de novas relações com o saber e novas formas de ação política, rebeldia, esperança e ética frente a desumanização e subalternização dos povos tradicionais, no âmbito da educação escolar e da vida.

Para Rosane Pezzodipane (2013) o Pós-colonial pode ser considerado o desligamento do colonialismo. Nesse sentido, o conceito pós-colonial é debatido tendo em vista a ruptura histórica das ideologias que legitimam o processo a colonização e a dominação dos sujeitos historicamente subalternizados. Mas, especificamente, a autora coloca em discussão o tratamento dado ao conceito pós-colonial.

Para elucidar, Pezzodipane menciona narrativas e discussões dos autores estudiosos do assunto, a exemplo de Aníbal Quijano (2010), que contribuiu com os estudos pós-coloniais e o conceito de colonialidade. Também Stuart Hall (2009) em sua obra: “Da diáspora: identidades e mediações culturais. Ao justificar as relações de poder dos países desenvolvidos sobre os países subdesenvolvidos, Hall mostra a necessidade de se compreender o surgimento das relações e disposições de poder, no processo de descolonização. A autora ressalta que os estudos pós-coloniais, na contemporaneidade, não significam o fim das formas de dominação, mas um retrato da subjetividade ao determinar critérios que justificam a diversidade das relações que os cenários coloniais delinearam nos discursos narrativos que assinalaram a modernização e industrialização.

Dessa perspectiva, Pezzodipane, argumenta que as metanarrativas legitimaram as ideologias da colonização, naturalizaram a dominação de um povo sobre outro e a hierarquização das diferenças raciais, além de construir um “processo civilizatório” ocidental e moderno que justificou os mais duros abusos e atos repressivos em solo colonial: dominação, violência, tortura, pilhagem, roubo, mentira, corrupção, morte. O conceito de pós-colonial nasce da necessidade de revisão de conceitos e do confronto com as relações que se estabelecem no movimento colonial e exige uma ressignificação de categorias e binarismos simplistas e acolha a diversidade de atores sociais e suas características.

Kabengele Munanga (2003) em seu texto “Uma abordagem das noções de raça, racismo e etnia” apresenta uma reflexão acerca dos conceitos de raça, racismo e etnia. O

primeiro está historicamente relacionado a condição biológica, mas depois é transportado da Botânica e Zoologia para legitimar as relações de dominação e sujeição entre as classes sociais. O segundo conceito, o de racismo, tem a ver com a ideologia hierarquizada dessa ideia pontuada de raça. Munanga afirma que “o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação” (MUNANGA, 2003, p.3). Por isso que o conceito de racismo pode ser atribuído a partir de vários argumentos e sentidos. O racismo, em geral, passa a ser abordado a partir do que se conceituou como sendo raça e pelas variações ideológicas existentes. Munanga acusa a predominância de uma visão político-ideológica da supremacia branca que colocou relativamente a raça negra como grupo inferior. Assim, o racismo pressupõe a superioridade de um grupo racial sobre outro, uma crença de que há grupos sociais com defeitos morais e intelectuais naturais, gerando o preconceito racial.

Parte dos estudiosos usam o conceito de etnia por ser um lexical mais “politicamente correto”. Entretanto, essa substituição não muda a realidade do racismo, não apaga a relação hierarquizada entre culturas diferentes. Munanga diz que esta opção é empregada por investigadores que se dedicam mais aos estudos das relações étnico-raciais, mas não altera a discriminação sofrida pelos grupos minoritários, como os negros. Assim diz Munanga (2003):

Essa substituição não muda nada à realidade do racismo, pois não destrói a hierarquização entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou inato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e antirracistas. Constituem uma bandeira carregada para todos; embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses (MUNANGA, 2003, p.10).

Munanga, na verdade, busca mostrar a necessidade de construir caminhos e ações de combate ao racismo através da compreensão dos vários conceitos e da valorização e respeito à identidade negra. Para ele o racismo é um comportamento resultante da aversão, por vezes, do ódio em relação às pessoas negras, cujas características se apresentam na cor da pele, no tipo de cabelo, nariz, entre outras características. Para ele, o racismo se compõe a partir de um conjunto de ideias preconceituosas e de imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores.

Assim sendo, é importante registrar que a permanência do uso do termo raça nada tem de biológico ou de crença científica, mas da necessidade político-social, uma vez que o racismo é, em geral, discutido tendo por base o conceito de raça. Munanga também afirma que seu uso como realidade social e política, advém de uma construção sociológica e de uma categoria social de dominação e de exclusão.

Assim, a utilização dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros pode contribuir na formação das crianças e podem fazê-las se identificar com o personagem, além de resolver os seus conflitos internos. Nessa perspectiva, os personagens possuem uma função importante na narrativa, uma vez que exprimem sentimentos, condicionamentos, gênero, classe, ensino, origem e crença, pois para Franco (2005), o personagem: “refere-se a pessoas particulares passíveis de serem classificadas de acordo com diferentes indicadores: nível socioeconômico, sexo, etnia, educação, escolaridade, nacionalidade, religião etc.” (LAURA FRANCO, 2005 p. 21). Logo, o personagem estabelece uma conexão construtiva, porque contribui para a autoestima das crianças.

O processo de identificação do leitor com os personagens passa pelos diálogos que ele estabelece com o texto. Um deles está nos contos de fadas, heróis, animais falantes e bruxas, todos esses personagens ganham vida no imaginário e passam a integrar o universo das crianças, exercendo uma forte influência na formação de sua identidade, uma vez que muitas destas crianças se veem representadas ou se identificam com o perfil de um e de outros personagens.

Antônio Candido (1992, p. 52) define personagem como “um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial”. Dessa forma, fica evidente que a construção desses “seres fictícios” não se dá de forma neutra, mas a partir de significados se pensarmos como recriação do que está na realidade, pois “como elementos ativos dentro da narrativa, representam valores através dos quais a sociedade se constitui” (KHÉDE, 1986, p.5). Assim, revelam a ideologia de certos elementos retratados ou silenciados.

Diante desses entendimentos, consideramos necessários que os discursos e práticas de combate ao racismo sejam iniciados na escola. A educação deve ser entendida como instrumento transformador e a escola como espaços onde esta acontece e pode oportunizar a construção das ideias de diversidade e diferenças culturais. É nesse ambiente que precisam ser geradas práticas de criação de discursos e diálogos, reais e fictícios, na formação dos sujeitos. Desse modo, o ambiente escolar serve como premissa para relações positivas entre as crianças, e de combate ao preconceito racial que permeia essas relações. A ideia, então, é estudar sobre

o racismo no ambiente escolar, a partir dos contos, tendo a criança como sujeito de interpretações dos discursivo e cultura acerca do racismo e da discriminação.

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO: algumas reflexões

Este item tem por objetivo analisar os contos infanto-juvenis afro-brasileiros, no sentido de observar se eles contribuem para a discussão étnico-racial, mas, sobretudo, para a desconstrução do racismo na educação. Também observar se a ambientação nos livros de literatura infanto-juvenil afro-brasileiros ajuda para na mesma discussão, desconstrução do racismo, daí sua importância para a educação das crianças.

São três os contos analisados. O primeiro conto “*Por que somos de cores diferentes?*” (2006) é de autoria de Carmem Gil e conta a história da protagonista Marta e de seus companheiros de acampamento que são convidados a responder a uma pergunta: por que somos de cores diferentes? Na história, quando Marta chega no acampamento com seus companheiros faz logo a pergunta para o monitor, que resolve reunir os demais colegas para responderem juntos. Ao se reunirem, o monitor direciona a pergunta: por que somos de cores diferentes? Feita a pergunta, o grupo de sente desafiado a respondê-la, mas há interpretações diferentes. Um primeiro entendimento é de que a cor da pele imita as cores do arco-íris, outro entendimento é atribuído ao clima em que vivem, que determina a cor da pele. Então, é quando o monitor esclarece para Marta e seus companheiros que a cor da pele ocorre por um processo chamado de melanina uma espécie de “guarda-chuva”, que protege a pele dos raios solares.

O segundo livro, “*O cabelo de Lelê*” (2007), é da escritora Valéria Belém e relata as indagações feitas por uma menina negra em relação ao seu cabelo que é cheio de cachos. Ao mesmo tempo, relata sua tristeza ao não saber lidar com eles. Cansada e sem saber o que fazer, Lelê encontra cabelos semelhantes aos seus nos livros de história e gosta do que vê. Ainda como conteúdo, a protagonista encontra em um livro intitulado “*Países Africanos*” a importância do seu cabelo, assim como descobre referências identitárias e históricas presentes a partir do seu cabelo crespo.

O conto “*Menina bonita do laço de fita*” (2000), é da autora Ana Maria Machado e narra a história de um coelhinho branco que tem como maior desejo ser negro, igualmente a menina bonita, protagonista da obra, por quem o animal está apaixonado. A narrativa mostra um diálogo entre o coelho e a menina sobre o segredo de sua cor. Passemos às análises dos contos, pelas categorias construídas na análise de conteúdo.

Foram 04 (quatro) categorias formuladas a partir dos 03 (três) contos afro-brasileiros tendo em vista as questões étnico-raciais e o combate ao racismo na educação: *representatividade, afirmação da cultura negra, respeito aos antepassados e luta antirracista*. Passamos a apresentar cada categoria e suas análises.

A categoria *representatividade* nos contos é entendida observando as contribuições dos textos para as crianças negras. Um exemplo é uma das personagens identificada por Tenka. Ela possui “cabelo preto e encaracolado, e a pele da cor de chocolate” (GIL, 2006, p.4). Observamos que as crianças negras se deparam com situações que envolve problemas de autoestima por causa da discriminação histórica com os seus cabelos. Na escola elas passam boa parte da existência, convivendo com apelidos e comparações que soam como ofensas por causa da cor e da característica de seu cabelo. Por isso, é no cotidiano escolar que questões, como a representatividade, precisam ser trabalhada. A escola, como parte integrante na formação do indivíduo, não pode se omitir diante de casos racistas, pelo contrário, deve criar a oportunidade de debater o tema para repensar formas de ação e mecanismos institucionais de combate a discriminação racial.

Os contos também apresentam uma linguagem que podem se adequar às intenções de descolonização. No trecho sobre os cabelos crespo: “Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado são tantos cabelos, tão lindos, tão belos!” (BELÉM, 2007, p.12), a autora reforça a importância na aceitação, porque provoca transformação de comportamento ao valorizar a autoestima infantil. Para Sánchez (2017), representatividade é um conjunto de características físicas e mentais, do qual “trata-se do alto grau de coincidência entre como nos representamos mentalmente ou imaginariamente algo e a realização dessa imaginação em um objeto, situação ou pessoa”, como expressão de identidade. Os contos apresentam construções importante para a questão da representatividade, outro exemplo está em “menina bonita do laço de fita”, quando um coelho deseja uma filha igual a menina bonita do laço de fita: “o coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: – ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela” (MACHADO, 2000, p.7).

Nesse contexto, os contos favorecem as discussões relacionadas às questões do racismo e da representatividade, porque, segundo Munanga (2003), “o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural” (p.5). O que significa que o racismo está construído “entre biológico (a cor da pele e traços morfológicos) e as qualidades psicológicas,

morais, intelectual e cultural”. Assim, os contos infanto-juvenis afro-brasileiros são auxiliares nesse processo de reconhecimento da identidade das crianças negras e de representatividade.

Na categoria *afirmação da cultura negra*, percebemos que os contos trazem aspectos que enobrece a discussão étnico-racial quando no início dos contos temos uma pequena introdução, como nesse trecho: “Se você olhar a cor da pele dos meninos e meninas ao seu redor, verá que nem sempre ela é igual. Há peles mais brancas, outras mais escuras, e algumas completamente negras” (GIL, 2006, p.2). É visível a contribuição desse trecho para o combate ao racismo, porque trata das questões identitárias e da diversidade da população brasileira. Nas narrativas dos contos encontramos passagens que afirmam a importância da cultura negra, através dos traços e características negras. Em “O cabelo de Lelê” a personagem surge com diferentes penteados: “O cabelo negro é pura magia encanta o menino e a quem se avizinha” (BELÉM, 2007, p. 24). Esse reconhecimento racial da personagem contribui para a construção e fortalecimento cultural da identidade das crianças, uma vez que esse processo decorre de um conjunto de características físicas, mentais e culturais.

A exaltação da beleza negra é afirmada pela simbolização das feições, isso é nítido no seguinte trecho “os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa” (MACHADO, 2000, p.3). Também, os contos fornecem uma linguagem de afirmação do ser: “Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelizando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: – Ah!, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela” (MACHADO, 2000,p.7). Isso possibilita construir comportamentos com vistas a descolonização e resistência, no sentido de afirmar-se, conforme apresenta Walsh, “a descolonização só ocorre quando todos individualmente e coletivamente participam em sua derrubada” (2009, p.13). Desta forma, o processo descolonização só ocorre quando a educação apresenta um significado reivindicatório de inclusão social e de afirmação, mediante uma práxis pedagógica crítica e emancipadora.

Em relação *ao respeito aos antepassados* analisados nos contos, observamos uma boa reflexão, incluindo o trabalho com a diversidade que favorece para que o público infantil possa ter respeito com as pessoas que já não habita entre nós, principalmente, poder vê-las como seres importantes, independentes de sua cor e etnia. Neste sentido, a narrativa dos contos contribui para o processo de educação cidadã e do respeito aos antepassados. No conto “Menina bonita do laço de fita”, a personagem principal tem orgulho de sua descendência: “A mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava

parecendo uma princesa das Terras da África" (MACHADO, 2007, p.3). Em outra passagem do conto "O cabelo de Lelê", a personagem encontra um "livro muito sabido", que conta histórias sobre seus antepassados. É nesse livro de histórias que a personagem descobre que os seus cabelos, com tantos cachinhos, vêm dos seus antepassados: "depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo, também de amor no enrolado cabelo puxado, armado [...] são tantos cabelos, tão lindos, tão belos" (BELÉM, p. 8).

Em outro conto, "Menina bonita do laço de fita", temos um diálogo entre a personagem principal e o coelho, onde o mesmo questiona a menina sobre qual o segredo para ser tão pretinha. A menina ia responder, quando sua mãe a interrompe e conta para o coelho, que são: "–Artes de uma avó preta que ela tinha" (MACHADO, 2000, p.15). E o coelho viu que a mãe da menina tinha razão "porque a gente se parece sempre com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos" (MACHADO, 2000, p.16). Esse trecho nos mostra a valorização da herança genética, bem como a preservação da memória. O que contribuem para valorização da ancestralidade e a influência no processo de desconstrução do racismo, ao afirmar a construção da identidade das crianças negras. A utilização dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros sugere o que Walsh (2009) chama de "interculturalidade crítica", no eixo pedagógico. Na prática, a interculturalidade crítica significa reconhecer o problema estrutural, colonial e racial existente na educação quando se prioriza as histórias das crianças brancas, cujos grupos minoritários ficam secundarizados, subalternizados ou silenciados. Walsh está nos chamando a atenção para pra reconhecer o problema e trabalhar na sua superação.

Sobre a categoria *desconstrução do racismo*, os contos apresentam diálogos importantes sobre a cor da pele e a diversidade humana, o que favorece para que as crianças se sintam representadas, nesse sentido, ajudam no combate ao racismo. O trecho do conto "Por que somos de cores diferentes?", observamos o que temos dito, vejamos:

os seres humanos se espalharam pela Terra, e a cor da pele deles mudou de acordo com o clima do lugar onde eles se instalaram. Quanto mais sol, mais escura a pele. Onde havia menos sol, a pele ficou mais branca. E nos lugares onde não faz nem muito calor nem muito frio, um bronzeado intermediário (GIL, 2006, p.29).

O trecho mostra que a cor da pele, mais escura ou mais clara, depende da melanina. Quanto mais melanina uma pessoa tem, mais escura ela será. Esse trecho expressa bem o que estamos dizendo sobre a superação do racismo. É preciso que as crianças aprendam sobre essa e outras característica da cor e da raça humana, conforme a ponta Munanga (2003, p. 2),

Ora, a cor da pele resultante do grau de concentração da melanina, substância que possuímos todos, é um critério relativamente artificial. Apenas menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo são implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos. Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos.

Assim sendo, esses contos contribuem de forma positiva para a desconstrução do racismo na educação das crianças, uma vez, que esse assunto, em boa parte dos espaços educacionais, é despolitizado. Nessa perspectiva, os contos infanto-juvenis que tratam da cultura negra colaboram de forma positiva e política para a construção da identidade e do comportamento emocional infantil.

Outra questão importante é a ambientação dos contos analisados, a qual configura uma parte fundamental dos textos. É na ambientação que as histórias são contadas, que a desenvoltura dos personagens ganha importância para a composição da história, a exemplo da personagem “Lelê ama o que vê! E você?” (BELÉM, 2007, p. 29). A personagem ao descobrir um livro que contava as histórias do continente africano, passou a conviver com sua herança cultural. É na ambientação que os contos estabelecem o enredo e que versam para a construção de uma identidade positiva: “e quando a coelhinha saía, de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava: – Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha? E ela respondia: – Conselhos da mãe da minha madrinha” (MACHADO, 2000, p.21). Nesse entendimento, os contos apresentam ambientação, cujo os cenários são voltados para acampamentos, casa, comunidade, amizade, relações. E os diálogos, as cenas são proporcionadas a partir dos espaços narrativos.

Outro aspecto que mostra a importância da ambientação é a diversidade étnico-cultural dos contos, exemplo é o conto “Por que somos de cores diferentes?”, quando mostra que há crianças em muitos lugares e origens diferentes: “O Mohamed, por exemplo, chegou do Marrocos há cinco anos. Os pais da Irena são poloneses. Os da Tenka são de Botsuana. O Oscar vem da Bolívia, a Guo Suang vem da China” (GIL, 2006, p. 8-9). Assim também o trecho, “Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história” (BELÉM, 2007, p.21), mostra que a personagem tem origem ligada aos aspectos culturais, porque Lelê encontra sua identidade a partir do formato do cabelo. Ela sabe que cada cachinho carrega um pedaço de sua história, uma identidade cultural. De acordo com Munanga:

Para que os elementos culturais africanos pudessem sobreviver à condição de despersonalização de seus portadores pela escravidão, eles deveriam ter, a

priori, valores mais profundos. A esses valores primários, vistos como continuidade, foram acrescentados novos valores que emergiram do novo ambiente. (2000, p.99).

Assim, no conto “O cabelo de Lelê”, a personagem se identifica como parte de uma cultura e passa a conceder valor a sua herança étnica. Lelê sabe que em cada cachinho do seu cabelo existe parte de sua história e essa compreensão assegura a valorização do cabelo negro, porque representa uma parte da herança ancestral.

Como já assinalado, os contos analisados colaboram para a desconstrução do racismo, a partir da representatividade e de outras categorias e estas, no conjunto, constituem processos descolonizadores, de resistência e aceitação cultural. Os contos, em seus conteúdos, trabalham a diversidade étnica, a exemplo da autora Machado (2000, p.20) quando insere uma multiplicidade de cores nos personagens coadjuvantes: “Tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado”. De acordo com Hall (2009) é fundamental introduzir discursos que combatam a dominação de poder para o processo de descolonização e, entendemos, é isso que esses contos têm feito.

Por fim, ressaltamos que os contos literários infanto-juvenis afro-brasileiros contribuem para uma educação de combate ao racismo, porque desperta para a descolonização das mentes e dos corpos, ao promover a ruptura do pensamento colonial e promover uma interculturalidade crítica (WALSH, 2009) e pós-colonial (PEZZODIPANE, 2013). Nesse sentido, esses contos de literatura afro-brasileira favorecem as discussões relacionadas às questões raciais e as qualidades psicológicas, morais, intelectual e cultural dos povos negros. Neste contexto, os contos infanto-juvenis afro-brasileiros são fundamentais no processo de reconhecimento da identidade das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito analisar as contribuições dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros para as questões étnico-raciais e a desconstrução do racismo na educação. A inquietação se deu através das observações feitas durante o estágio supervisionado no Ensino Infantil. Trabalhamos com conceitos como interculturalidade e pós-colonialidade na perspectiva do combate ao racismo, uma crítica aos regimes factuais de dominação e subordinação. Nossa problematização se deu na busca de responder como os contos infanto-juvenis podem contribuir para a desconstrução do racismo na educação. Para isso, utilizamos a

pesquisa tipo qualitativa, com análise de conteúdo. Os resultados demonstraram, de um modo geral, que os três contos infanto-juvenis, a partir da análise do seu conteúdo, contribuem para o combate ao racismo na educação, quando trabalhados para fortalecer a representatividade das crianças, a afirmação da cultura negra, o respeito pelos antepassados e a necessária construção de uma cultura antirracista. Assim, concluímos que a utilização dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros contribui para o combate à discriminação racial, porque colabora para a compreensão fundamental do respeito às populações negras, seus saberes, seus costumes e ajuda os leitores a entender mais sobre a literatura afro-brasileira e seu uso na educação.

Por fim, o trabalho concluído abre possibilidades para outras reflexões e para capacidade de pensar outros trabalhos, a exemplo da ampliação da análise literária dos contos infanto-juvenis afro-brasileiros, uma vez que este trabalho investiga apenas as questões relativas à identidade e a desconstrução do racismo na educação. As obras possibilitam a análise de outras frentes, sobretudo no campo da pedagogia antirracista, como: o uso da literatura negra como material de diferenciação pedagógica, a literatura afro e as características físicas e comportamentais infantis, entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FRANCO, Maria Laura P.P. **Análise do Conteúdo**. Série Pesquisa - Brasília 2ª edição: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Carmen. **Por que somos de cores diferentes?** São Paulo: Girafinha, 2006.

HALL, Stuart (2009). “Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite”. In: _____. (Org.). Liv Sovik. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp.95-120.

KHÉDE, S. Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática. 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, R. A análise de conteúdo: possibilidades e limites. In: ENGERS, M. E. A. (Org). **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Ação**: notas para reflexão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

MUNANGA, Kebenguele. **Uma abordagem das noções de raça, racismo e etnia**. Palestra foi proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

MUNANGA, Kabengele. (org) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

_____, (2000). Arte afro-brasileira: o que é, afinal? In: **Mostra do redescobrimento**: arte afro-brasileira. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. p. 98-111.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. **Pós-colonial: a ruptura com a história única**. Simbiótica, Ufes, v.1. n.3. junho 2013. <https://periodicos.ufes.br/index.php/simbiotica/article/view/5494>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En Edgardo Lander (comp.) **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-246.

SÁNCHEZ, José A. **Cuerpos ajenos**. Segovia: Ediciones La uña RoTa, 2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (org). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas, 2009.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, pelo dom da vida, e por me fortalecer em todos desafios encontrados durante o curso. A minha família, meus pais, irmãos, tias e primos que me apoiaram nos momentos difíceis. A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Ana Maria Pereira Aires, pelo empenho e dedicação na realização deste trabalho de conclusão de curso.